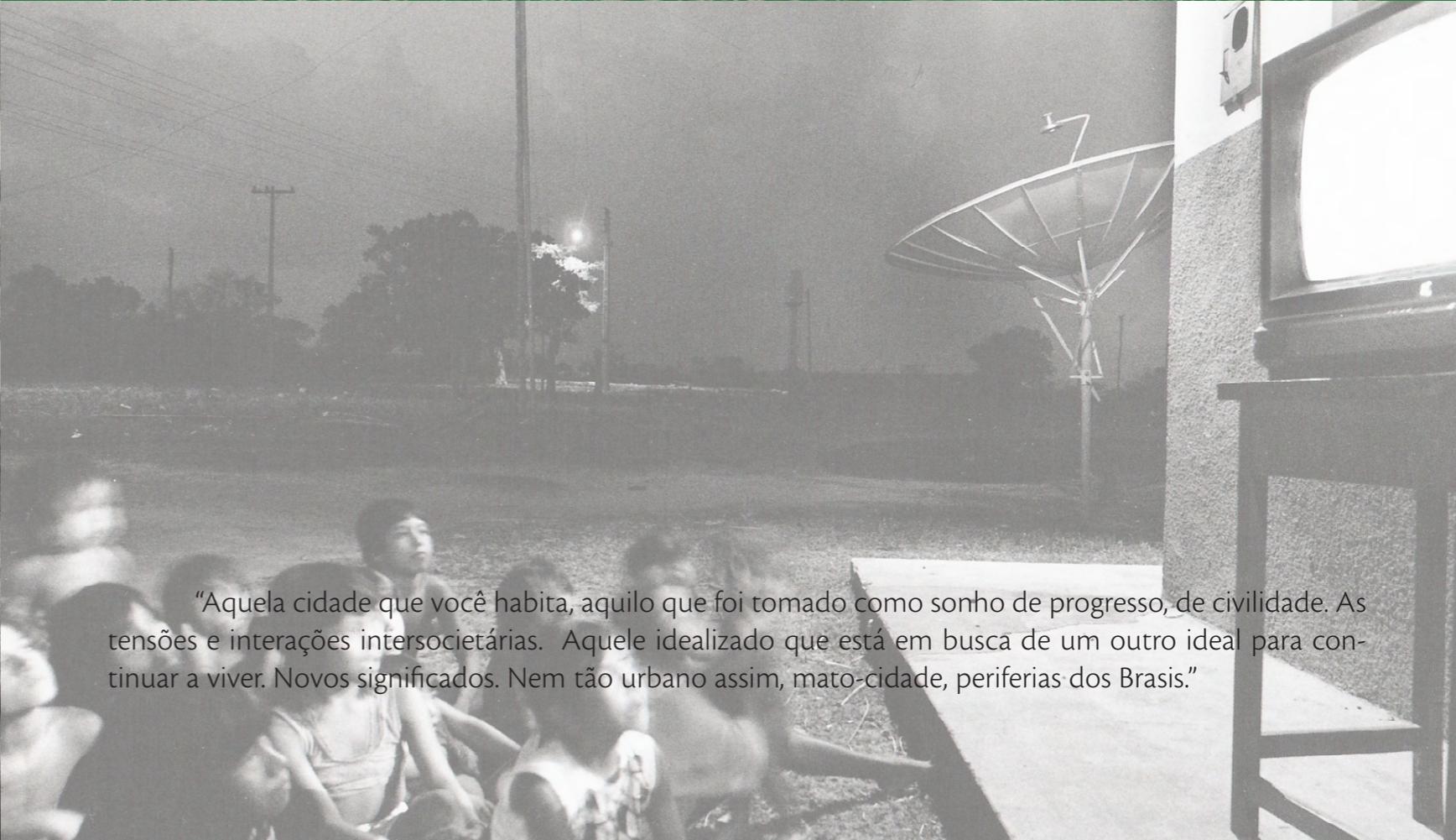
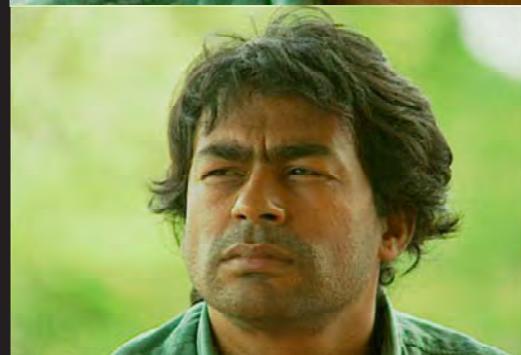
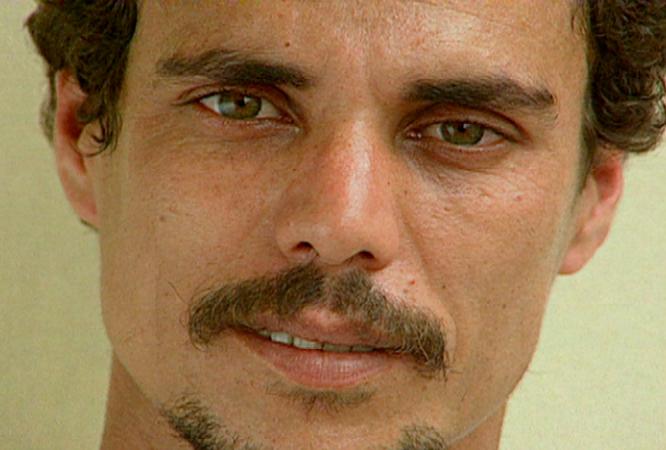




## Urbis, Peri, peri-urbano



“Aquele cidade que você habita, aquilo que foi tomado como sonho de progresso, de civilidade. As tensões e interações intersocietárias. Aquele idealizado que está em busca de um outro ideal para continuar a viver. Novos significados. Nem tão urbano assim, mato-cidade, periferias dos Brasis.”





“O Centro de Pesquisa Indígena não é um lugar. É o caminho que liga a memória da criação do mundo, presente nas narrativas tradicionais, no conhecimento antigo, com o conhecimento sobre o novo, no trabalho do cientista e do pesquisador.”

Ailton Krenak







“Quando eu cheguei pra aqui tá com 17 anos que eu vim da aldeia de Barra Velha, Monte Pascoal. Nasci e me criei lá. Então, sabendo que aqui foi a descoberta do Brasil, e quando Pedro Álvares Cabral chegou aqui já encontrou os índios, entonce eu, sabendo que nós temos direito porque é a terra dos índios, então eu vim pra aqui.... porque lá muito fraco, muito difícil de transporte, então com uma pessoa doente vai ter que carregar nas costas, não tem como poder trazer pra pegar carro, pra chegar cá... acudir o índio. E aqui o transporte é na porta, então eu mudei pra aqui. E eu estou subindo... cheguei aqui, fiquei. Aí meu pessoal foi chegando, foi chegando... vinha um, chegava, fazia um barraquinho, vinha outro, fazia um barracozinho... é melhor de pegar o kaiambá, que é o dinheiro, pegar o kaiambá. Então, chegou aqui nós, foi ficando, foi ficando e hoje em dia tamos aqui. Quando eu cheguei por aqui isso tudo era mato, não tinha nada aqui tudo, nada! Nem barraqueiro nenhum! ... Depois que nós já tamos aqui 17 anos depois e isso tudo era mato. Aí, bom... teve a Centauro, as pousadas e formaram firma. E aí então ficou. Aí lá vai nós e vamos indo, vamos indo, vamos vivendo aqui. Lá vai hoje... amanhã e hoje em dia... e tamos lutando, tamos lutando aqui.”

Depoimento oral de Beré Pataxó - Coroa Vermelha, Porto Seguro - Bahia. Novembro de 1993.





*... Se amanhece o Sol, a todos aquece,  
Se chove o céu, a todos molha,  
Se toda a luz caíra a uma parte  
É toda a tempestade a outra,  
Quem sofrerá?  
Mas não sei que injusta condição é  
A deste elemento grosseiro que vivemos.  
Que as mesmas igualdades do céu,  
Em chegando à Terra, logo se  
Desigualam.*

*Padre Antônio Vieira, 1650.*

Álvaro – Como é que está o missionário hoje? Como é que está o pastor hoje para salvar os índios? O que é a salvação dos índios para os missionários?

Padre Mário - Eu entendo o seguinte: houve um certo progresso, um certo avanço na política, vamos dizer, missionária. Se você lembra um pouco, Álvaro, como era a política dos missionários quando você era garoto lá no Rio Negro...

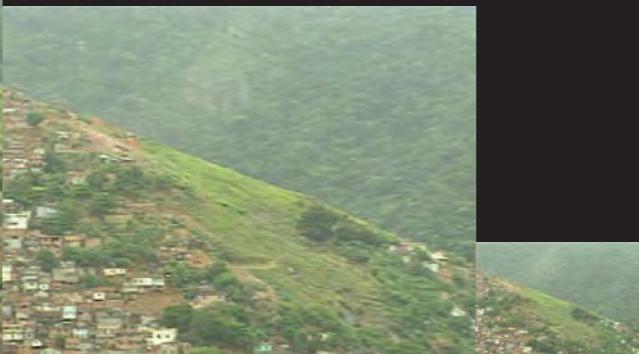
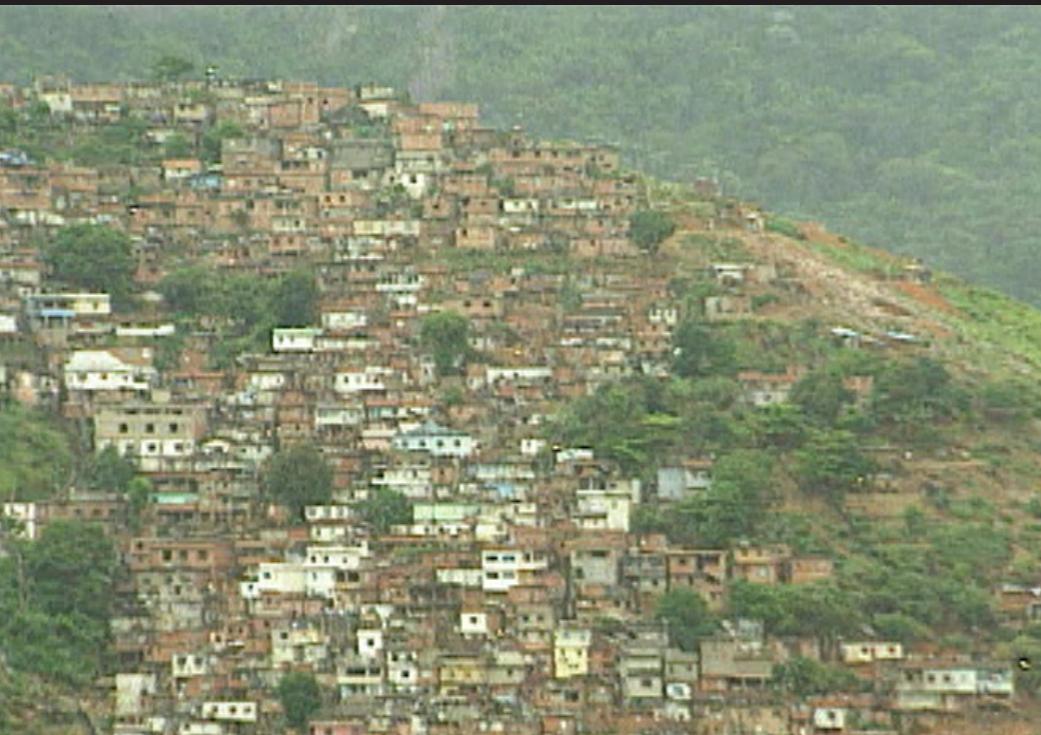
Álvaro – É, eu tinha medo dos missionários...

Padre Mário – A gente pode ver que tinha uma imposição. As lideranças indígenas eram reprimidas, havia todo um controle por parte dos missionários. Mas a partir de uma mudança também histórica, e também por parte de um grupo de missionários católicos, de modo particular o missionário do CIMI. [...] Então, houve uma evolução muito importante. [...] O índio voltou às suas aldeias, reassumiu seus rituais, os seus mitos e houve por parte dessa organização, de um modo particular o CIMI, um incentivo para que o índio se organizasse dentro do ponto de vista interno, de ir readquirindo seu ethos, os seus costumes que haviam perdido pela agressão de uma ação missionária do passado e passou, vamos dizer, a ter uma visão política mais clara. Isso se deu sobretudo porque os missionários do CIMI favoreceram a realização das assembleias indígenas, os índios passaram a se encontrar, a analisar a realidade e a lutar. Hoje, o Álvaro pode dizer melhor do que eu, tem mais de 100 organizações indígenas no Brasil. Então você vai me dizer está tudo bem? [...]

Álvaro - Então é muito importante preservar a imagem dos missionários, que realmente sejam missionários, não se pode misturar uma religião com a politicagem que existiu sobre as populações indígenas até aqui...

Padre Mário – [...] E uma outra questão a que você, Álvaro, está se referindo, é uma questão de caráter teológico, de caráter, vamos dizer assim, mais especificamente religioso, quer dizer: a idéia cristã carrega ainda a idéia expansionista, de impor a própria religião aos outros. Inclusive, a Igreja Católica, mesmo não sendo uma igreja fundamentalista como os outros grupos, mantém algumas características fundamentalistas, que quer impor alguma coisa já pronta, já feita ao índio e que impede um diálogo religioso, uma troca harmoniosa em cima da vida religiosa de cada um. [...]

Entrevista realizada por Álvaro Tukano com o Padre Mário Fioravanti - Rio de Janeiro, novembro de 1993.





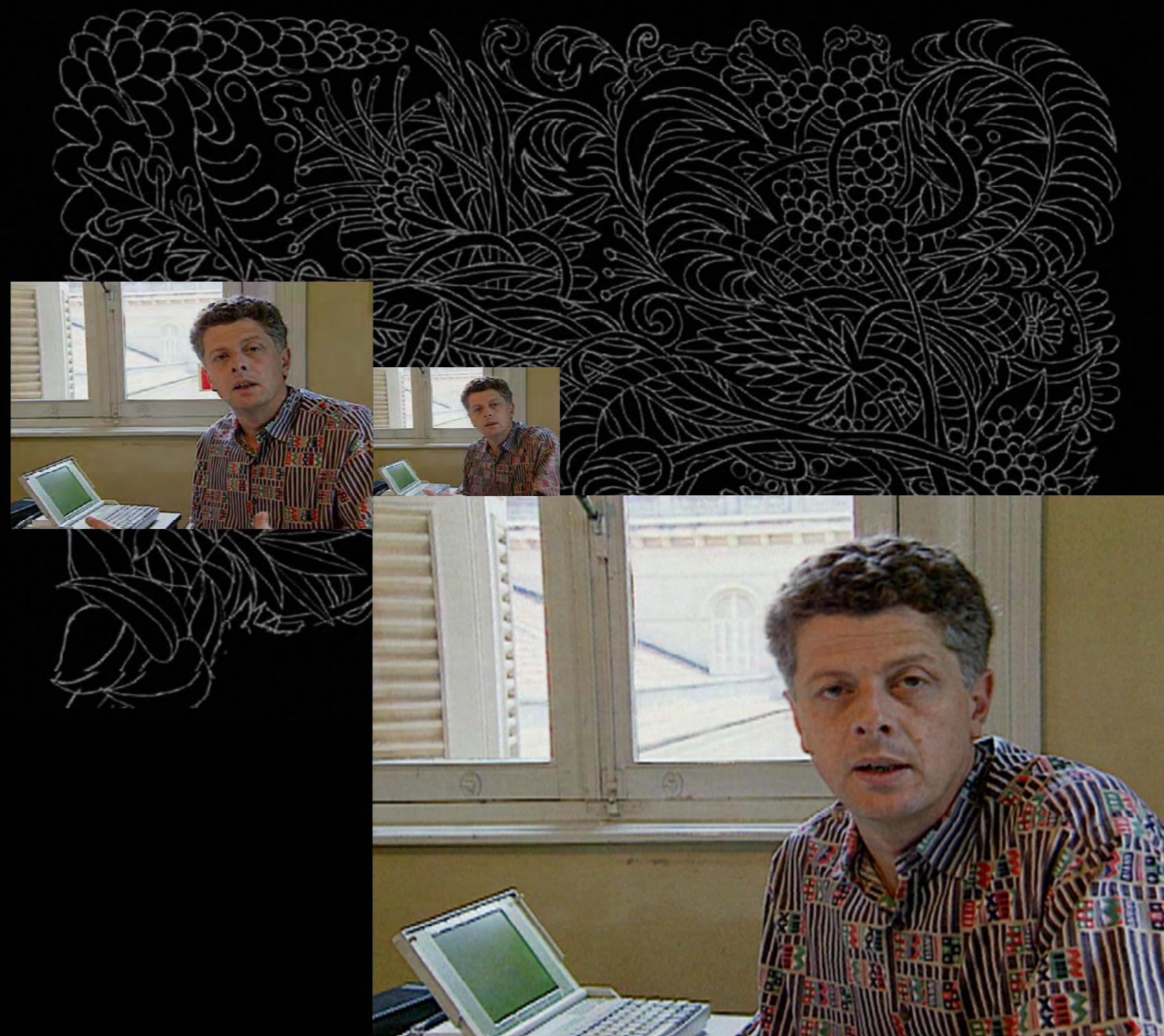
O Brasil que completou 500 anos no ano 2000 desconhece e ignora a imensa sociodiversidade nativa contemporânea dos povos indígenas. Não se sabe ao certo sequer quantos povos nem quantas línguas existem. O (re)conhecimento ainda que parcial dessa diversidade não ultrapassa os restritos círculos acadêmicos.

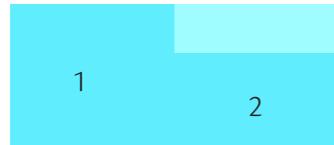
A tarefa de tecer um painel abrangente da situação atual dos povos indígenas no Brasil é, de fato, um quebra-cabeça com milhares de peças espalhadas e sem uma imagem guia. Hoje um estudante ou um professor, por exemplo, que quiser saber algo mais sobre os índios brasileiros contemporâneos terá muitas dificuldades.

Em primeiro lugar porque há poucos canais e espaços para a expressão diretamente indígena no cenário cultural e político do país. Via de regra, vivendo em "locais de difícil acesso", com tradições basicamente orais de comunicação e na condição de monolíngües, com parco domínio do português, as diferentes etnias encontram barreiras para se expressar livremente com o mundo dos não-índios.

Seus pontos de vista são tomados geralmente fora dos contextos onde vivem, mediados por intérpretes freqüentemente precários e registrados finalmente como fragmentos e em português.

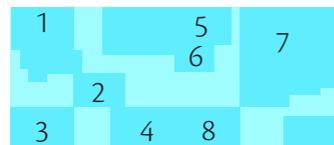
Carlos Alberto Ricardo  
Secretário Executivo - CEDI  
(Centro Ecumênico de Documentação e Informação)





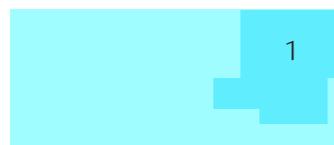
**119 - 120**

1 - Anciã Pataxó. Praia de Coroa Vermelha, Porto Seguro. BA. Foto de Paulo Metz. 1993.  
2 - Aldeia Krikati, Montes Alves, MA. Foto de Paulo Metz. 1993.



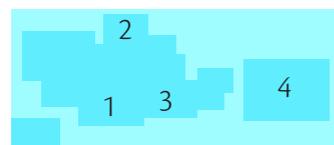
**121 - 122**

Depoimentos registrados na sede da Associação de Defesa Etnoambiental Kanindé. Porto Velho, RO. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993. 1 - Evandro Santiago, indígenista da FUNAI. 2 - Ivaneide Bandeira, historiadora e indigenista. 3 - Rieli Franciscato, indigenista, chefe de posto da FUNAI. 4 - Rogério Vargas, agrônomo e indigenista.  
Depoimentos registrados na sede do Centro de Pesquisa Indígena, Cruzeiro do Sul, AC. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993. 5 - Biraci Brasil Yawanawá. 6 - Armando Soares Filho, indigenista da FUNAI. 7 - Ailton Krenak, criador do CPI. 8 - Moisés Ashaninka.



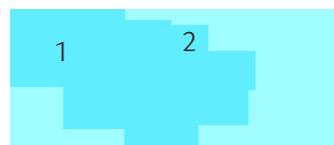
**123 - 124**

1 - Ailton Krenak, Núcleo de Cultura Indígena, São Paulo, SP. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.



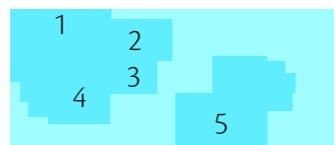
**125 - 126**

Depoimentos gravados na comunidade Pataxó. Praia de Coroa Vermelha, Porto Seguro. BA. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993. 1 - Boré, pai do Cacique Arapatí. 2 - Néelson Saracura. 3 - Macuco  
4 - Praia de Coroa Vermelha, Porto Seguro. BA. Foto de Paulo Metz. 1993.



**127 - 128**

1 - Aldeia Pataxó. Floresta Verde, Porto Seguro. BA. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.  
2 - Cacique Arapatí, Pataxó. Praia de Coroa Vermelha, Porto Seguro. BA. Fotograma, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.



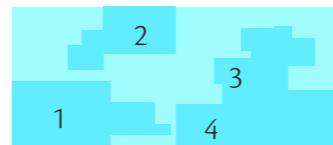
**129 - 130**

Depoimentos Gravados em Salvador, BA. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.  
1 - Farol da Barra. 2 - Biraci. 3 - Sol - Dirigentes da Associação Indígena Casa do Índio.  
4 - Marcelo do Olodum, Diretor Cultural do Olodum.  
5 - Prédio em ruínas, ocupado por famílias. Praia em Salvador, BA . Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.



**131 - 132**

1 - Padre Mário Fioravanti. Colégio Assunção, Santa Tereza, Rio de Janeiro, RJ. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.  
2 - Cristo Redentor, Monte Corcovado. Rio de Janeiro, RJ. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.



**133 - 134**

1 - Rio de Janeiro, RJ. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.  
2 - Favelas. Rio de Janeiro, RJ. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.  
3 - Casa do Índio. Rio de Janeiro, RJ. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.  
4 - Eunice Alves Cariry Sorominé, fundadora e diretora da Casa do Índio. Rio de Janeiro, RJ. Fotograma, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993.



**135 - 136**

Depoimentos gravados na sede do Centro Ecumênico de Documentação e Informação - atual ISA - Instituto Socioambiental. São Paulo, SP. Fotogramas, acervo do projeto Séculos Índigenas no Brasil. 1993. 1 - André Villas Boas. Coordenador do Programa Povos Índigenas no Brasil. 2 - Geraldo Andreello. Documentarista - Campanha Raposa Serra do Sol. 3 - Alberto Ricardo. Secretário Executivo do CEDI.

